**OBJEÇÃO PROFÉTICA**

Encontramos em alguns textos de vocação dos profetas literários, quase sempre na introdução dos seus livros, uma recusa dos mesmos em aceitar a missão que Javé lhes quer confiar. É o que denominamos de *objeção profética*. Não se consideram santos, puros, ou preparados para o comissionamento. Apresentam um discurso de desmerecimento de si próprios. Pois sabem que obra que os espera não é sua, mas é obra de Deus. Em Isaías, por exemplo: “Então disse eu: Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos” (Is, 6, 5). Este verso não está na introdução do livro, mas sim na vocação de Isaías que só aparece na introdução do Livrinho de Emanuel.

A santidade de Deus é um tema central na pregação de Isaías que chama muitas vezes Javé de “o Santo de Israel”. Esta santidade de Deus exige dos “filhos de homem” que eles mesmos sejam santificados, quer dizer, separados do profano, limpos do pecado, participantes da ‘justiça’ de Deus (Bíblia de Jerusalém). E ainda mais para um profeta. O sinal da presença de Deus e sua santidade aparecem no texto como uma fumaça (Teofania: tremor, estrondos, fumaça). Exatamente como no Sinai, na tenda do deserto e no Templo de Jerusalém. Ora, se o profeta é o mensageiro da Palavra de Deus, é a sua ‘boca’, o caráter ou o ethos do profeta tem de espelhar a santidade de Javé. A objeção do profeta coopera ideologicamente com a construção narrativa deste personagem a quem chamamos de “profeta”.

Em resposta à objeção de Isaías, um serafim purifica os seus lábios com uma brasa do altar, como símbolo de purificação da pessoa inteira: “a tua iniquidade foi tirada e expiado o seu pecado” (José Luís Sicre). Da mesma forma, Ezequiel comeu o rolo que contem a Palavra de Deus (Ez 3, 13). O fogo (e a brasa) é purificador e, com maior razão, o fogo do altar. Esta cena serve de transição e prepara Isaías para ser escolhido por Deus.

Na vocação de Jeremias, sua objeção se refere à sua dificuldade de falar (como em Moisés) e a sua pouca idade: “Então disse eu: Ah, Senhor Deus! Eis que não sei falar; porque ainda sou um menino” (Jr 1, 6). À ação divina segue a reação humana. Jeremias sente medo, não por se encontrar diante do Deus santo, como Isaías, mas pela grandeza da sua missão, para a qual se considera inapto. Mas Javé retruca: “Mas o Senhor me disse: Não digas: Eu sou um menino; porque a todos a quem eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar, falarás. Não temas diante deles; porque estou contigo para te livrar, diz o Senhor” (Jr 1, 7-8). E, como fez com Isaías, também fez com Jeremias: “E estendeu o Senhor a sua mão, e tocou-me na boca; e disse-me o Senhor: Eis que ponho as minhas palavras na tua boca” (Jr 1, 9).

Deus não aceitou a objeção de Jeremias, pois Ele não se preocupa com os valores ou qualidades dos seus mensageiros. Para José Luís Sicre, a ordem inclui quatro verbos fundamentais para a concepção do profeta: “enviar” e “confiar uma ordem” da parte de Deus; “ir” e “falar” da parte do homem. Os quatro se correspondem em duplas: enviar-ir, confiar uma ordem-falar. Uma experiência é básica em Jeremias que repetidas vezes acusará os falsos profetas de que Deus não os enviou nem lhes deu uma ordem (Jr 14, 14). Ao expor a sua objeção, Jeremias havia ficado no seu problema pessoal, prescindindo dos interesses de Deus e das necessidades alheias. Agora, o Senhor restabelece a relação eu-tu-eles, a única que justifica uma vocação.

Com Moisés não havia sido diferente. Quando Javé o envia ao faraó para que (Moisés) liderasse a saída dos filhos de Israel do Egito, Moisés responde: “Quem sou eu para ir ao Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?” (Ex 3, 11). Ele justifica sua objeção com base na dificuldade das palavras e do discurso em que alguns chegaram a ver até uma cagueira: “Então disse Moisés ao Senhor: Ah, meu Senhor! eu não sou homem eloquente, nem de ontem nem de anteontem, nem ainda desde que tens falado ao teu servo; porque sou pesado de boca e pesado de língua” (Ex 4, 10). Mas a supremacia de Deus é maior do que qualquer objeção à missão confiada ao profeta: “E disse-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor? Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (Ex 4, 11-12). A insistência de Moisés na sua objeção acende a ira de Javé que coloca, então, seu irmão Arão como interlocutor: “E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus” (Ex 4, 16). Javé demonstra aqui compreensão com as limitações de Moisés sem retirar-lhe a missão.

Em Juízes, Gedeão também tenta escapar da sua missão profética, mas Javé lhe promete a sua presença na luta contra o inimigo: “E ele lhe disse: Ai, Senhor meu, com que livrarei a Israel? Eis que a minha família é a mais pobre em Manassés, e eu o menor na casa de meu pai.
E o Senhor lhe disse: Porquanto eu hei de ser contigo, tu ferirás aos midianitas como se fossem um só homem” (Jz 6, 15-16).